



Os arquétipos na narrativa jornalística “A floresta das parteiras” de Eliane Brum

Luana Daniela Ciecelski¹
Demétrio de Azeredo Soster²

Resumo: O presente artigo consiste em uma análise dos arquétipos dentro da narrativa jornalística “A floresta das parteiras”, reportagem escrita pela jornalista Eliane Brum. Para realizá-la, foi percorrido o seguinte caminho metodológico: revisão bibliográfica do que são narrativas e sua presença no âmbito comunicacional; revisão bibliográfica e compreensão do que são os arquétipos e o inconsciente coletivo, a partir dos conceitos formulados por C. G. Jung; apresentação da vida e obra da escritora Eliane Brum e análise dos arquétipos na narrativa. Foram identificados os arquétipos da sacerdotisa, da sábia, da mãe e da religiosa, entre outros, e foi possível considerar que os arquétipos ampliam a compreensão do leitor sobre a importância da atividade realizada pelas parteiras e os aproxima da narrativa.

Palavras-chave: narrativa; jornalismo; arquétipos; Eliane Brum; reportagem.

1. A narrativa jornalística

Narrativas são as histórias que o homem conta, sejam elas reais ou fictícias. É o ato de relatar. É um hábito do ser humano, existente desde os primórdios da civilização, quando o homem ainda contava os eventos que permeavam sua existência por meio de pinturas nas paredes. É uma manifestação que está presente na rotina das pessoas e nos relacionamentos. É um evento importante até mesmo para a organização social e construção de uma identidade coletiva.

E existem várias linhas de estudos relacionadas às narrativas. Para alguns autores - como Gancho (2002) - a narrativa é um modo literário. Segundo a autora, ela é parte de uma tríade ao lado da forma lírica e da forma dramática. Há também autores, como

1 Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Pesquisadora de narrativas literárias e comunicacionais. Universidade de Santa Cruz do Sul.

2 Pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, 2016). Universidade de Santa Cruz do Sul.

Barthes (2008), que pensam e pesquisam a narrativa com base na divisão de suas partes e compreensão de sua estrutura. Ele buscava características que fossem inerentes as mais diversas formas narrativas, um modelo básico que pudesse ser aplicado à todas.

Para Motta (2013), porém, considerar a narrativa apenas como um ramo da teoria literária, ou vê-la apenas pelo âmbito de sua estrutura, é algo muito limitado. A linha de pesquisa que esse autor propõe, tira a narrativa do âmbito literário e a coloca no âmbito comunicacional, social, antropológico. Ele apresenta uma linha de pesquisa que “estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades” (MOTTA, 2013, p. 78), ou seja, a relação dos homens com a narrativa.

Sua base é o fato de que as narrativas estão presentes em todas as formas de produção do ser humano e, portanto, não se reduz às expressões ficcionais. É justamente o pensamento de Motta que seguimos ao desenvolver essa pesquisa. Porém até mesmo Motta afirma que quando o objetivo é entender uma narrativa, também é importante que se compreenda sua estrutura. Portanto faremos na sequência um breve resumo dos elementos que compõem as narrativas.

Boa parte dos autores concorda que todas as narrativas possuem cinco elementos básicos e que as caracterizam: enredo, personagem, tempo, espaço e um narrador (GANCHO, 2002). O enredo é o conjunto de fatos que compõe a história; ele deve ter, de acordo com Gancho (2002), um início, um meio e um fim. Já o tempo é a época em que se passa o enredo (Idade Média, por exemplo) e a duração da história a ser contada (tudo acontece em um período de dois anos, por exemplo). O espaço, por sua vez, é o lugar onde a ação se passa, o ambiente da história (GANCHO, 2002).

Há ainda o narrador que é considerado um dos elementos mais importantes: é aquele que está contando a história e por isso, aquele sem o qual a narrativa não existe. Ele pode contar a história por meio de dois principais pontos de vista: de fora da história (em terceira pessoa) ou de dentro da história (em primeira pessoa).

Existe, no entanto, um outro elemento fundamental porque é responsável pelo desenvolvimento do enredo: as personagens. Usualmente elas são classificadas como protagonistas, antagonistas ou personagens secundários. Dentro do primeiro grupo (protagonistas) estão os heróis – seres de moral elevada ou com características que os tornam destacados e superiores aos seus iguais – e os anti-heróis, que possuem uma

moral e características iguais ou até inferiores às de seu grupo, porém mesmo que sem grandes competências, por algum motivo são colocados no papel de heróis (Gancho, 2002). Já os antagonistas são aqueles que fazem oposição ao protagonista, normalmente os vilões. Usualmente são os que causam os conflitos dentro do enredo. Por fim as personagens secundárias são aquelas que tem uma participação menor dentro da história.

Esses são os principais elementos que compõem uma narrativa. Compreendido quais são eles e seus papéis dentro de uma história, voltaremos aos conceitos desenvolvidos por Motta dentro da narratologia³, porque são eles que mais nos interessam nessa pesquisa. Até então, todas os estudos desenvolvidos a respeito de narrativas levavam em consideração apenas aspectos literários, como já foi dito aqui. A partir da pesquisa de Motta, porém, aspectos comunicacionais passam a fazer parte do estudo, porque entende-se que, o ato de narrar nunca é algo ingênuo, e sim, uma ação com um objetivo, “é uma atitude argumentativa” (MOTTA, 2013, p. 74). Entende-se que, quem narra quer convencer alguém sobre algo ou comunicar algo para alguém. Portanto, as narrativas comunicam.

Jornalisticamente falando, as narrativas aparecem de diversas formas, incluído nisso, diversos meios como televisão, rádio, web e, claro, impresso. Elas são mais fáceis de serem identificadas dentro de uma reportagem que contenha uma linguagem mais literária, mas podem ser localizadas também em textos noticiosos de *hard news*⁴. É mais trabalhoso, talvez, mas possível se seguida uma fórmula apresentada pelo próprio Motta: “reordenar a selvagem cronologia jornalística, encontrar antecedentes, identificar e reposicionar as personagens, seus papéis e *funções* no desenrolar dos episódios” (MOTTA, 2013, p. 98, grifo do autor). É necessário reconfigurar aquilo que Motta chama de “acontecimento-intriga” (p. 99). Reordenar os fatos de forma a se construir uma narrativa com início, meio e fim. “Tornar o difuso tempo jornalístico um tempo narrativo ordenado” (p. 97)

³ Narratologia é a ciência que se dedica ao estudo e compreensão das narrativas.

⁴ Hard News são aqueles textos com uma linguagem mais enxuta, descritiva, direta e objetiva, textos que tem o papel de produzir o efeito de realidade e veracidade. São as notícias mais comuns do dia a dia, onde são rapidamente respondidas as questões do lide.

No caso do presente trabalho, porém, não teremos a necessidade de fazer essa reconfiguração do acontecimento intriga, porque a narrativa que será analisada, apesar de ser jornalística, encontra-se na categoria das reportagens e dentro dela, das reportagens escritas com linguagem literária, de forma que a narrativa é muito facilmente encontrada no texto.

Compreendido o que são narrativas e sua presença nos textos jornalísticos, é chegada a hora de saber um pouco mais sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo para que mais a frente, possamos compreender os sentidos que emergem dos arquétipos em uma reportagem jornalística, a começar pela reportagem “A floresta das parteiras” de Eliane Brum.

2. Os arquétipos e o inconsciente coletivo

Do grego *arché*⁵, que significa principal ou princípio, e *tipós*⁶, que é impressão ou marca, o termo arquétipo foi usado pela primeira vez por filósofos neoplatônicos com o objetivo de indicar algumas ideias modelos, ideias que serviam de base para todas as coisas existentes. Posteriormente, já no século 20, Carl Gustav Jung, um psiquiatra suíço, passou a utilizar a expressão em seus estudos sobre o inconsciente coletivo. Esse conjunto de pesquisas serviu de base para a estruturação daquela que hoje é chamada de psicologia analítica⁷, e o conceito de arquétipo, do jeito que conhecemos hoje, foi moldado a partir de seus estudos. Mas, para compreendermos melhor o significado como o pesquisador trouxe ao mundo, é fundamental que primeiro se entenda o conceito de inconsciente coletivo.

Não foi Jung que descobriu sua existência. Anteriormente, como ele próprio aponta, esse termo já havia sido utilizado dentro de um viés filosófico e sociológico por

⁵ Informação retirada do site Origem da Palavra.

⁶ Idem nota de rodapé 5.

⁷ Psicologia analítica é um campo da psicologia, fundado por Jung, que leva em consideração a existência de um consciente, e também de dois inconscientes, o individual e o coletivo, dentro da psique de cada homem. Sua prática clínica, diferentemente da psicanálise de Freud, leva em consideração os sonhos e símbolos dos homens e até mesmo acredita que eles sejam o caminho de acesso ao inconsciente, o meio pelo qual o inconsciente se manifesta (ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL, 2016).

estudiosos como Carl Gustav Carus⁸ e Émile Durkheim⁹. Foi Sigmund Freud, no entanto - amigo, correspondente e parceiro de pesquisa de Jung - que aprofundou os estudos sobre o termo dentro da psicologia médica. Freud definiu o inconsciente como uma espécie de repositório de memórias não mais utilizadas, de “conteúdos esquecidos” (JUNG, 2014, p. 11), sendo única e exclusivamente de natureza pessoal.

Jung, porém, através de observações feitas principalmente durante o acompanhamento de pacientes, foi um pouco mais além e criou uma nova teoria a respeito do inconsciente. Ele apontou que, além da consciência inerente a todos os seres humanos, todos os homens possuem também um inconsciente que por sua vez é dividido em duas partes: uma individual, mais superficial, que registra questões do indivíduo apenas, e – sua grande contribuição para com a psicologia analítica - uma parte coletiva, mais profunda, e que tem sua origem em experiências e aquisições coletivas, e que ele chamou de inconsciente coletivo. Esse inconsciente coletivo seria como o ar: ele está em todos os lugares e é respirado por todos, porém não pertence a ninguém.

O conteúdo desse inconsciente coletivo é universal, segundo Jung (2014). Ou, em suas próprias palavras, “[...] são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2014, p. 12). Enquanto o conteúdo do inconsciente pessoal, de fato se constitui de ideias esquecidas pelo consciente ou “conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos” (JUNG, 2014, p. 12), o conteúdo do inconsciente coletivo é o que Jung chamou de arquétipos.

Chegamos então à concepção que buscávamos: e os arquétipos foram definidos por Jung como “tipos arcaicos – ou melhor - primordiais” (JUNG, 2014, p. 13), registros universais que existem desde os tempos mais remotos, “figuras simbólicas da cosmovisão primitiva” (JUNG, 2014, p. 13). Eles se formam da incessante renovação

⁸ Carl Gustav Carus foi um médico alemão nascido em 3 de janeiro de 1789 e morto em 28 de julho de 1869. Atuou como médico, naturalista, cientista, psicólogo e como pintor de paisagens. Na área da psicologia, há pelo menos dez obras escritas de sua autoria. (WIKIPÉDIA, 2016a)

⁹ Émile Durkheim (15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917) foi um sociólogo, psicólogo social e filósofo francês, um dos fundadores da Sociologia como disciplina acadêmica. Criou o termo “representações coletivas” que pode ser considerado uma analogia ao termo “arquétipos”. (WIKIPÉDIA, 2016b)

das vivências experimentadas ao longo de várias gerações, podem ser encontrados em diversos aspectos da vida humana e estão no inconsciente sem que precisem ser transmitidos de uma pessoa para outra. São como uma herança psicológica que cada indivíduo traz e já possui ao nascer.

É preciso considerar, no entanto, que apesar de Jung ter sido o grande estudioso do conceito arquétipo, posterior a ele, outros cientistas da Psicologia, da Filosofia, da Narratologia e até mesmo da Comunicação Social também fizeram suas contribuições a respeito do assunto. Entre eles estão Mark e Pearson (2001), que dentro do âmbito da Comunicação Social, mais especificamente da Publicidade e Propaganda, falam da construção de marcas utilizando o poder dos arquétipos. Para montar a espécie de manual do publicitário, eles precisaram tecer reflexões a respeito do termo anteriormente estudado por Jung, e ainda apresentam uma série de doze principais arquétipos ligados à personalidade. Eles são os seguintes:

Tabela 2: Principais arquétipos, segundo Mark e Person (2001)

Característica	Arquétipo	Função
Dão estrutura ao mundo	Criador	Criar algo novo
	Prestativo	Ajudar os outros
	Governante	Exercer o controle
Nenhum homem é uma ilha	Bobo da Corte	Se divertirem
	Cara Comum	Estar bem como são
	Amante	Encontrar e dar amor
Deixam sua marca no mundo	Herói	Agir corajosamente
	Fora-da-lei	Quebrar as regras
	Mago	Influir na transformação
Anseiam pelo paraíso	Inocente	Manter ou renovar a fé
	Explorador	Manter a independência
	Sábio	Compreender o mundo

Segundo Mark e Pearson (2001), esses doze arquétipos podem representar marcas e produtos, mas também personagens. Na verdade, o próprio Jung teorizou sobre os

arquétipos e a narratologia e constatou, desde o início de seus estudos que, por serem uma forma de expressar o drama interno e inconsciente da alma, as expressões artísticas são uma das formas de exteriorização dos arquétipos. Especialmente as narrativas.

Outro dos grandes estudiosos dos arquétipos nesse campo foi Joseph Campbell, um dos seguidores de Jung. Ele, porém, buscou estudar e compreender mais especificamente o arquétipo do herói. Seus estudos, que unem mitologia e psicologia, resultaram na obra *O herói de mil faces* (2000), onde o autor apresenta a ideia do arquétipo do herói e os caminhos percorridos por todas as personagens de narrativas que se enquadram dentro desse modelo primordial - a trajetória feita pelo herói durante sua jornada –, trazendo uma ideia de jornada cíclica dentro dos mitos.

Resumidamente, então, os arquétipos podem ser vistos como esquemas mentais presentes nos recônditos da mente humana, uma série de impressões inconscientes compartilhadas por todas as pessoas, porque estão numa espécie de memória coletiva inconsciente, numa alma coletiva mundial que foi chamada por Jung de inconsciente coletivo.

Diante disso, é difícil apresentar uma listagem definitiva de arquétipos. Como o próprio Jung apontou, “há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica” (JUNG, 2014, p. 57).

Mas para compreender uma narrativa de forma mais profunda, é preciso antes compreender quem a escreve e em que contexto ela foi escrita. Por isso, antes de iniciar a análise dos arquétipos no texto de Eliane Brum, trataremos brevemente da biografia e a das obras da autora

3. Eliane Brum e seu texto

De acordo com a biografia disponível no site oficial de Eliane Brum, ela é uma gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, jornalista, escritora e documentarista (BRUM, 2017). Como jornalista, trabalhou durante 11 anos como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e dez como repórter especial da Revista Época, em São Paulo – foi para a Época, aliás, que a reportagem analisada foi escrita. Desde 2010, ela atua como freelancer e escreve artigos para os jornais El País (português e espanhol) e The

Guardian (inglês).

Desde o início de sua carreira, Eliane publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance -, além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios. O seu primeiro livro foi “Coluna Prestes: o avesso da lenda” (Artes e Ofícios, 1994), pelo qual recebeu o prêmio Açorianos de autora-revelação. Eliane refez, 70 anos depois, a marcha de 25 mil quilômetros da tropa rebelde pelo país, entrevistando 100 pessoas que testemunharam a passagem da Coluna Prestes por povoados e cidades do Brasil.

Em “A Vida Que Ninguém Vê” (Arquipélago Editorial, 2006), seu segundo livro, Eliane conta pequenas histórias reais sobre o que chama de “desacontecimentos” e sobre pessoas que jamais virariam notícia na pauta convencional do jornalismo, mostrando que toda vida é habitada pelo extraordinário. Já em “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real” (Globo, 2008 / Arquipélago, 2017), Eliane escolhe dez grandes reportagens e conta seus bastidores – dilemas, medos e até mesmo os seus erros, vividos no processo do fazer jornalístico.

Em junho de 2011, foi a vez de lançar seu primeiro romance, “Uma Duas” (LeYa Brasil). Nele, aborda o relacionamento entre mãe e filha. O livro foi finalista dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo de Literatura e Jornada Nacional de Literatura (Zaffari-Bourbon). Em julho de 2013, Eliane lançou uma coletânea com 64 de suas 234 crônicas e artigos de opinião publicados originalmente no site da Revista Época. “A Menina Quebrada” (Arquipélago) ganhou o Prêmio Açorianos de Melhor Livro do Ano.

Em abril de 2014, publicou “meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras” (LeYa). Nesse livro, a menina que flertava com a morte percorre as memórias da infância para compreender como a palavra escrita a salvou. Além disso, entre as coletâneas da qual participou, destaca-se a obra “Dignidade” (2012), livro internacional que marca os 40 anos da organização Médicos Sem Fronteiras. O livro foi lançado na Itália em outubro de 2011, pela editora Feltrinelli, e é composto por textos de nove escritores de diferentes partes do mundo, entre eles o prêmio Nobel Mario Vargas Llosa.

Eliane Brum ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana. Ela também foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o

Prêmio Comunique-se. Por três vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu três vezes o Prêmio Cooperifa e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, concedido a pessoas e entidades que, com seu trabalho, tem conseguido mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas e do planeta.

Todos esses prêmios, porém, não são à toa. Eliane Brum é conhecida por ser uma das maiores repórteres brasileiras – talvez a maior do gênero feminino – quando o assunto é jornalismo literário. Suas reportagens são famosas pelo estilo quase poético e que chega a confundir os desavisados – isso é ficção ou realidade? – tamanha a utilização de elementos da narrativa literária para contar histórias da vida real.

Em “O olho da rua” (2008) mais especificamente – obra onde encontra-se a reportagem “A floresta das parteiras” – o leitor encontra dez reportagens sobre os mais variados assuntos: desde a vida de mulheres que atuam como parteiras na floresta Amazônica, sem quaisquer recursos a não ser os conhecimentos femininos passados de geração em geração, passando por relatos da vida – e da morte - de quem vive em favelas brasileiras, e das mães que perdem filhos para o tráfico, encerrando com a história dos últimos dias de pessoas com câncer e em estado terminal.

No caso da reportagem “A floresta das parteiras”, a história contada é a de três personagens, parteiras da floresta, no estado do Amapá, extremo norte do Brasil. Conforme conta a própria repórter no texto, elas representam um grupo de 700 mulheres que ainda realizam partos como nos tempos mais antigos: apenas gestante e parteira, nas próprias casas e camas.

As três personagens principais são a índia Dorica, de 96 anos, a mais velha parteira do Amapá, que conta com mais de 2 mil partos em sua trajetória; a cabocla Jovelina, de 77 anos, a mais famosa parteira do povoado de Ponta Grossa do Piriri; e da quilombola Rossilda, de 63 anos, que também faz vezes de curandeira e conselheira no quilombo do Curiaú.

A narrativa mostra um pouco do cotidiano dessas mulheres, suas relações com a comunidade, com a natureza, seus conhecimentos a respeito de seu trabalho, e sabedoria feminina passada de geração em geração. Dito isso, partiremos agora, então, para a análise dos arquétipos dentro dessa narrativa.

4. Os arquétipos na narrativa jornalística

Até o momento estruturamos a base desse artigo com três principais pontos: a compreensão do que são as narrativas e de como a comunicação e o jornalismo estão inseridos nela; a compreensão do que são os arquétipos e de como essas imagens primordiais podem estar presentes dentro das narrativas, inclusive comunicacionais; e a aproximação com a obra da jornalista Eliane Brum por meio de breve apresentação de sua história, seus textos e da reportagem escolhida para análise. Iniciaremos agora, então, a análise que nos possibilitará alcançar o objetivo proposto nesse trabalho.

A parte metodológica terá como principal base um estudo de caso e dentro desse estudo, para que se consiga obter os resultados propostos, utilizaremos a construção de uma tabela onde serão isolados excertos com conteúdo arquetípicos para que estes sejam mais profundamente analisados. Essa tabela conterà os seguintes elementos: personagem, arquétipo e excertos. Vale destacar ainda que, ela não terá fins quantitativos, mas qualitativos, servindo não para apontar o número de vezes que um determinado arquétipo é encontrado dentro da história, mas apenas para que se possa fazer uma adequada separação dos trechos que serão mais profundamente analisados posteriormente

Na coluna *personagem*, será inserido o nome da personagem ao qual está ligado o arquétipo que foi encontrado dentro da narrativa. Na coluna *arquétipos*, por sua vez, serão apontados os arquétipos visualizados dentro da narrativa em relação à personagem apresentada na coluna antecedente. Na busca por esses arquétipos, utilizaremos como base os conceitos de Jung e dos demais pesquisadores já apontados.

Na coluna *excerto*, por fim, serão apresentados trechos da narrativa que indiquem a presença dos arquétipos já apontados na coluna anterior em relação a determinada personagem. A coluna excerto tem como principal objetivo a comprovação da existência desses arquétipos e o isolamento desses trechos, para que possam ser analisados à luz da teoria de C. G. Jung e compreendidos em seu contexto dentro da narrativa.

a. A construção da tabela

Tabela 1: Os arquétipos na reportagem “A floresta das parteiras”

Personagem	Arquétipo	Excerto
As parteiras	Sábia Sacerdotisa	“O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo ”
As parteiras	Sábia Sacerdotisa	“desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu ”.
Dorica Jovelina Rossilda	Sábias Sacerdotisas	“Encarapitadas em barcos ou tateando caminhos com os pés, a índia Dorica, a cabocla Jovelina e aquilombola Rossilda são guias de uma viagem por mistérios antigos ”
Dorica	Mãe	“Dorica – avó, mãe, madrinha de centenas de filhos de pegação”
As mulheres	Sacerdotisa	“” Mulher e floresta são uma coisa só ” – diz Alexandrina. “A mãe-terra tem tudo como tudo se encontra no corpo da mulher . Força, coragem, vida e prazer””.
Dorica	Sábia	“” Pegar menino é esperar o tempo de nascer ”, ensina. “ Os médicos da cidade não sabem e, porque não sabem, cortam a mulher ””.
As parteiras	Sacerdotisa Religiosa	“As parteiras da floresta comungam hoje da religião católica, a maioria, alguma adotaram as pentecostais. Outras ainda são espíritas, batuqueiras. Mas no coração resiste em segredo uma religião antiga . Nela, a grande deidade era feminina, mulher . Aquela, dizem, que governa o começo-meio-fim, o nascimetno-vida-morte, o presente-passado-futuro”.
Jovelina	Religiosa	“Simples assim. De auxílio, Joveluna só conta com São Bartolomeu , advogado das parteiras como São Raimundo., Nossa Senhora do Bom Parto e outras santidades da maior importância. São Bartolomeu, não. Para Jovita, é “São Bartolomé”, um tantinho afrancesado e com muito mais brilho. (...) Basta recitar a oração e o menino desliza floresta abaixo, pousando bem nas mãos da parteira. ”
Jovelina	Sábia	“” O que esta mulherada sofre na maternidade é um golpe, minha irmã ”, apavora-se. “Aqui, se o menino se acomodou de mau jeito, a gente vai e dobra. Boto a mão e vou puxando, puxando, até ele se ajeitar, botar a cabeça no lugar. Aí não precisa cortar . Médico, coitado, não sabe dobrar menino.”
As mulheres	Sagrado feminino	“ Parto é coisa de mulher . Feito por mulheres, entre mulheres. Assunto delas. Está além da compreensão das parteiras da floresta que a vida se desenrole em berço de morte, no hospital, como se doença fosse. Para cada parteira, a dor é prenúncio do êxtase do nascimento. ”
Rossilda	Mãe	“Rossilda Joaquina da Silva, 63 anos, onze filhos, vinte netos, quatro bisnetos. ”

Rossilda	Curandeira	“Negra, negríssima, como a terra do quilombo do Curiaú, nos arredores do Macapá. Abre os braços gorduchos, musculosos de pegar menino, alinhar vestidos e benzer doentes. ”
Rossilda	Religiosa	“O Curiaú de Rossilda estava em festa por São Lázaro, o santo dos cachorros . Sim, porque, como explica Rossilda, cão também tem santo. Com a nobreza de sempre, Rossilda conta que o banquete da cachorrada foi lindo.”
As mulheres	Sagrado feminino	“Vencidas nova luas, os homens do Curiaú são despachados para não fazer atrapalhação. Sim, porque homem, nessa hora, só sabe fazer zoadas. Parto é festa feminina . Vem vizinha de todo o canto, comadre e não-comadre.”
Tereza As parteiras	Sacerdotisa	“ “Quem disse que não somos nada, que não temos nada, já se enganou. Repare nós organizadas e bem preparadas com as parteiras estou...””, cantarola na voz espichada do Norte Tereza Bordalo, 51 anos, cinco filhos e cinco netos, parteira desde os dezesseis. Misteriosa como todas, ela levanta as mãos ao céu e trança uma cruz invisível na vagina da mulher, o dente de jacaré balançando perigosamente entre os seios de madona profana.”
As parteiras	Sacerdotisa	“Tereza convoca as parteiras da floresta para o ritual de agradecimento ” [...] “Do interior da floresta, elas vão surgindo tímidas, silenciosas. De pés no chão, sandálias de borracha. São pobres, as parteiras. Muitas nem dentes têm. Outras só comem farinha de tapioca. Ajudar a humanidade a vir ao mundo nunca lhes rendeu um tostão.”
As parteiras	Sacerdotisa	“ As mãos da vida se agarram, os pés do caminho se plantam em círculo no útero da floresta. As parteiras agradecem à divindade ao amanhecer ”
As parteiras	Sacerdotisa	“As parteiras erguem as velas pedindo iluminação no ofício. Invocam a terra, o rio e a floresta . É uma conversa de comadres, uma prosa ao pé do ouvido. A imagem fala a uma sociedade surda, esquecida do cordão umbilical com algo maior que o mundo forjado dentro do mundo. A voz de Dorica, a mais velha parteira da floresta, ecoa em cada mulher quando sentencia: “É o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino, a gente nunca arranca. Só recebe.” ”

Fonte: elaboração da autora.

5. Considerações finais

Já de saída é preciso apontar que a narrativa escolhida para análise é toda cheia de elementos que remetem à arquétipos. Por isso, para montagem da tabela, foi necessá-

ria uma seleção de excertos. Escolhemos, portanto, aqueles trechos onde era possível identificar os arquétipos de forma mais clara, os trechos onde os arquétipos se apresentavam de forma mais explícita. Dito isso, partimos para a análise em si.

Observando superficialmente a tabela já é possível perceber alguns pontos importantes. O primeiro deles é o de que entre todos os arquétipos que aparecem, o da sacerdotisa é o mais recorrente. Dentre os 18 excertos apresentados, em metade – ou seja, nove deles - é possível identificar o arquétipo da sacerdotisa.

É possível observar também que, além das personagens nominadas dentro da reportagem, das personagens principais, há também duas personagens que chamaremos de planas – porque representam não alguém em específico, mas um grupo de pessoas ou de personagens, como se fossem personagens caricaturais. São as personagens “as mulheres” e “as parteiras”. Foi necessário identificá-las dessa forma para que pudéssemos apontar à quem estavam se referindo determinados arquétipos. “As parteiras” aparecem quando Eliane Brum fala do trabalho ou da rotina de uma parteira sem citar o nome de uma delas especificamente, dando a entender que aquela é uma realidade de todas as profissionais. Já “as mulheres” aparece em muitas das falas das próprias parteiras, quando elas falam de suas próprias experiências e das experiências femininas com o parto e com a maternidade.

Além do arquétipo da sacerdotisa, foi possível identificar também alguns outros arquétipos: o da sábia, o da mãe, o da religiosa, do sagrado feminino e o da curandeira.

Fazendo uma análise mais profunda é possível apontar que todos esses arquétipos identificados nos levam à essência da narrativa e ao arquétipo da parteira. Eles nos mostram em profundidade aquilo que Eliane Brum quis passar ao leitor com seu texto. Mostra as percepções que a jornalista teve ao conviver com as parteiras e o que ela quis mostrar ao contar essa história.

Percebemos também que, ao trazer fortemente o arquétipo da sacerdotisa, Eliane não necessariamente quis dizer que as parteiras da floresta são sacerdotisas¹⁰, no sentido de serem cultuadoras de alguma divindade, mas que elas possuem sua importância, especialmente para as comunidades onde vivem. Resgata-se muito fortemente a imagem

¹⁰ Sacerdotisas são, de acordo com o Dicionário Online de Português, as mulheres consagradas ao culto de uma divindade.

das poderosas mulheres de histórias fantásticas e de mitos, como as sacerdotisas de “As Brumas de Avalon” de Marion Zimmer Bradley. Isso faz com o leitor perceba o poder que essas mulheres têm em um lugar onde não há muitos recursos médicos. Mostra que as mulheres da floresta possuem o poder de trazer a vida ao mundo, de salvá-las se for necessário. Traz a ideia do conhecimento feminino passado de geração em geração, por necessidade e por amor ao que é da natureza.

Esse papel de sacerdotisas, porém, é confirmado no fim da narrativa, quando Eliane relata um encontro de parteiras no seio da floresta, e nos conta que essa reunião serve para que elas façam orações e peçam bênçãos e “iluminação no ofício” (BRUM, 2008, p 34), invocando elementos da natureza, porque o parto é parte da natureza humana também.

Em relação ao papel desses arquétipos dentro da narrativa, é possível dizer que eles tornam a leitura mais atraente. Além de dar importância ao que essas mulheres fazem, dão um toque de mágico às personagens, quase como se estivessem saindo de histórias mitológicas. Isso prende o leitor, de forma que concluímos que os arquétipos servem também para aproximar o leitor da narrativa, através de uma percepção automáticas de elementos que podem atraí-lo.

Os arquétipos também ajudam a reforçar o conhecimento que se tem à respeito dessa profissão que já foi comum, mas que foi substituída pelos avanços da medicina. Por outro lado, nos fazem questionar até que ponto esses avanços são, de fato, bons para as mulheres e para as crianças que estão chegando ao mundo. Nos fazem pensar em que os métodos antigos, o que não tinham em recursos, tinham em sabedoria.

Referências

ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL. Desenvolvido por: Associação Junguiana do Brasil - AJB. Disponível em: <http://www.ajb.org.br/psicologiaanalitica.php>. Acesso em: 20 out. 2016.

BARTHES, Roland (org.). *Análise Estrutural da Narrativa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRUM, Eliane. *Coluna Prestes: o avesso da lenda*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BRUM, Eliane. *Uma duas*. São Paulo: Leya, 2011.

BRUM, Eliane. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. *A menina quebrada: e outras colunas*. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.

BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 6. ed São Paulo: Cultrix, 2000.

DIGNIDADE!: nove escritores vivenciam situações-limite e relatam o comovente trabalho da organização Médicos Sem Fronteiras. São Paulo: Leya, 2012.

ELIANE BRUM. Site oficial da jornalista. Disponível em <elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 15 jul 2017.

GANCHO, Cândida V. Como analisar narrativas. São Paulo: Editora Ática, 2002.

JUNG, C. G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. *O herói e o fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORIGEM DA PALAVRA. Desenvolvido por Origem da Palavra site de etimologia. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/arquetipo/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WIKIPEDIA. Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Modernidade>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WIKIPEDIA (b). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Acesso em: 30 ago. 2016.

WIKIPEDIA (a). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mimesis>. Acesso em: 14 ago. 2016.

WIKIPEDIA (c). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim. Acesso em: 30 ago. 2016.